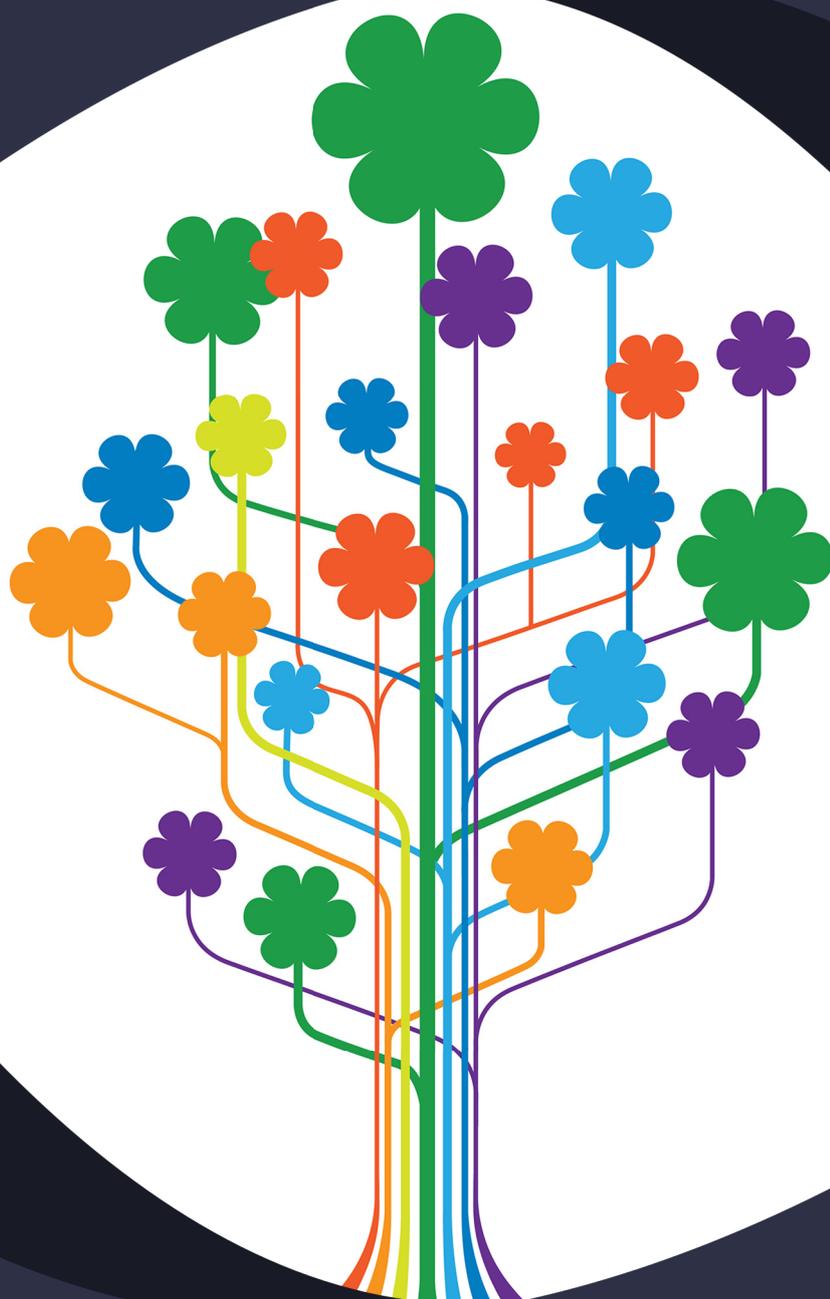


# Políticas Públicas na Educação Brasileira: Caminhos para a Inclusão 2

Michéle Barreto Justus  
(Organizadora)



Atena  
Editora

Ano 2019

Michéle Barreto Justus  
(Organizadora)

Políticas Públicas na Educação Brasileira:  
Caminhos para a Inclusão 2

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
P769	Políticas públicas na educação brasileira [recurso eletrônico] : caminhos para a inclusão 2 / Organizadora Michéle Barreto Justus. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Políticas Públicas na Educação Brasileira. Caminhos para a Inclusão; v. 2)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-724-6 DOI 10.22533/at.ed.246191710  1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais. 3. Educação inclusiva. I. Justus, Michéle Barreto. II. Série. CDD 379.81
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Entender o que é a Educação Especial e como ela é fundamental para o desempenho dos alunos com necessidades especiais é decisivo para mudar os rumos da educação como um todo, visto que a Educação Especial é uma realidade nas mais diversas escolas.

Frente a esse desafio, colocado aos docentes que atuam em todos os níveis e à toda a comunidade escolar, o e-book intitulado “Políticas Públicas na Educação Brasileira: caminhos para a inclusão - 2” traz contribuições para leitores que se interessem por conhecer alternativas, experiências e relatos de quem se dedica ao estudo do tema.

Esta obra se organiza em 4 eixos: *inclusão e educação especial, educação especial e legislação, estudos culturais e inclusão social e o uso da tecnologia para educação especial.*

O primeiro eixo aborda estudos sobre os desafios e reflexões onde Educação Especial perpassa enquanto uma modalidade de ensino; e apresenta artigos que envolvem estudos sobre pessoas com surdez, superdotação ou altas habilidades e deficiência visual, além de artigos sobre o ensino na Educação Básica, Ensino Superior e gestão e inclusão.

No segundo eixo, os textos versam sobre a análise de alguns documentos oficiais acerca da Educação Especial e seus reflexos no cotidiano das escolas.

No terceiro, traz artigos que abordam temas sobre a educação e seu valor enquanto instrumento para a inclusão social; e por fim, aborda o uso das tecnologias na melhoria das estratégias de ensino na Educação Especial.

Certamente, a leitura e a análise desses trabalhos possibilitam o conhecimento de diferentes caminhos percorridos na Educação Especial, e favorecem a ideia de que é possível ter uma educação diferenciada e de qualidade para todos.

Michéle Barreto Justus

# SUMÁRIO

## I. INCLUSÃO E EDUCAÇÃO ESPECIAL

### Desafios e reflexões

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A CULTURA POPULAR COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA PARA A INCLUSÃO EDUCACIONAL	
Samantha Camacam de Moraes Verônica Catharin Lúcia Pereira Leite	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2461917101</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
OS DESAFIOS ENFRENTADOS POR CRIANÇAS AUTISTAS E SEUS PAIS: UM PANORAMA DA NECESSIDADE DA INCLUSÃO ESCOLAR	
André Luiz Alvarenga de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2461917102</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>32</b>
O PROCESSO DE INCLUSÃO DO ALUNO AUTISTA: DESAFIOS À PRÁTICA DOCENTE	
Raimunda Fernandes da Silva Souza Rozineide Iraci Pereira da Silva Nair Alves dos Santos Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2461917103</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>42</b>
O TRADUTOR INTÉRPRETE DE LIBRAS EDUCACIONAL: REFLEXÕES A PARTIR DE DIFERENTES FIGURAÇÕES ESCOLARES	
Keli Simões Xavier Silva Euluze Rodrigues da Costa Junior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2461917104</b>	
<b>Surdez</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>53</b>
A EDUCAÇÃO DOS SURDOS	
Júlia Martins Bárbara Rodrigues Cintia Resende Correa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2461917105</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>61</b>
BIBLIOTECA INCLUSIVA: MEDIAÇÃO COM O USUÁRIO SURDO	
Bruna Isabelle Medeiros de Moraes Laís Emanuely Albuquerque Dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2461917106</b>	

## Superdotação/altas habilidades

### **CAPÍTULO 7 ..... 69**

A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO ESCOLAR EDUCACIONAL FRENTE AOS ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

Elivelton Cardoso Viera  
Camila Siqueira Cronemberger Freitas  
Carolina Martins Moraes

**DOI 10.22533/at.ed.2461917107**

### **CAPÍTULO 8 ..... 80**

ALTAS HABILIDADES: AS METODOLOGIAS NO ENSINO NAAHS

Maria Luzia dos Santos Moreira

**DOI 10.22533/at.ed.2461917108**

## Deficiência Visual

### **CAPÍTULO 9 ..... 93**

BIOLOGIA INCLUSIVA: DESENVOLVIMENTO DE MATERIAIS DIDÁTICOS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Andressa Antônio de Oliveira  
Karina Carvalho Mancini

**DOI 10.22533/at.ed.2461917109**

### **CAPÍTULO 10 ..... 100**

O USO DO SOROBAN NO ENSINO DE MATEMÁTICA PARA A CRIANÇA DEFICIENTE VISUAL

Raffaella de Menezes Lupetina  
Marta Maria Donola Victorio  
Margareth Oliveira Olegário

**DOI 10.22533/at.ed.24619171010**

### **CAPÍTULO 11 ..... 111**

EM DIREÇÃO ÀS BIBLIOTECAS INCLUSIVAS NO SUPORTE AOS DISCENTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL: REFLEXÃO DOCUMENTAL SOBRE OS DIRECIONAMENTOS DO IFPE NO ENSINO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICO

Ada Verônica de Novaes Nunes  
Ivanildo José de Melo Filho

**DOI 10.22533/at.ed.24619171011**

## Educação Básica

### **CAPÍTULO 12 ..... 124**

LIBRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DIÁLOGOS NECESSÁRIOS PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

André Henrique Furtado Torres  
Eva Alves da Cruz  
Victor Hugo de Oliveira Henrique

**DOI 10.22533/at.ed.24619171012**

### **CAPÍTULO 13 ..... 134**

O TRABALHO COLABORATIVO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Bruna Rafaela de Batista  
Ana Lídia Penteado Urban  
Luci Pastor Manzoli

**DOI 10.22533/at.ed.24619171013**

### **CAPÍTULO 14 ..... 143**

AS FACETAS DA INCLUSÃO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Rozineide Iraci Pereira da Silva  
Nair Alves dos Santos Silva  
Maria Aparecida Dantas Bezerra  
Ana Cláudia Xavier Da Silva  
Diógenes José Gusmão Coutinho

**DOI 10.22533/at.ed.24619171014**

### **CAPÍTULO 15 ..... 153**

COMO AS SALAS REGULARES RECEBEM E POSSIBILITAM A PERMANÊNCIA DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA EM SEU PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: UMA VISÃO DOCENTE

Larisse Lorrane Monteiro Moraes  
Daniela de Jesus Rodrigues de Andrade  
Priscila Lorena Souza Palhano  
Sara Maria Silva de Miranda  
Fernanda Pinheiro Castro  
Bianca Sousa Geber  
João Mailson da Silva Quaresma  
Larissa Cesarina Mota Gomes

**DOI 10.22533/at.ed.24619171015**

### **CAPÍTULO 16 ..... 163**

DESIGN E EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UMA BUSCA PELO APERFEIÇOAMENTO DO ENSINO

Maria Carolina Frohlich Fillmann  
Karen Mello Colpes  
Elisa Bonotto do Couto

**DOI 10.22533/at.ed.24619171016**

**CAPÍTULO 17 ..... 176**

ENSINO DE INGLÊS PARA ALUNOS SURDOS: MATERIAIS DIDÁTICOS E ESTRATÉGIAS DE ENSINO

Monique Vanzo Spasiani

**DOI 10.22533/at.ed.24619171017**

**CAPÍTULO 18 ..... 190**

ENSINO PARA SURDOS E ESCOLA: REFLEXÕES SOBRE A LIBRAS COMO INSTRUMENTO DE FORMAÇÃO E DE IDENTIDADE

Andréa dos Guimarães de Carvalho

Gilmar Garcia Marcelino

Renata Rodrigues de Oliveira Garcia

**DOI 10.22533/at.ed.24619171018**

**Ensino Superior**

**CAPÍTULO 19 ..... 200**

OS DESAFIOS DAS IES NA ADESAO DOS PROFESSORES À INCLUSÃO ESCOLAR

Aline Gama Cunha Carvalho

Jaylla Fernanda Ferreira de Oliveira Raeli

Vanessa do Amaral Tinoco

**DOI 10.22533/at.ed.24619171019**

**CAPÍTULO 20 ..... 205**

CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DE UM MANUAL DIRECIONADO AOS PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR COMO ESTRATÉGIA DE INCLUSÃO DE ESTUDANTES SURDOS

Jane de Carlos Santana Capelli

Nuccia Nicole Theodoro De Cicco

Julia Barral Dodd Rumjanek

Vivian Mary Barral Dodd Rumjanek

**DOI 10.22533/at.ed.24619171020**

**CAPÍTULO 21 ..... 220**

DESAFIOS PARA A (RE) INCLUSÃO DISCENTE EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR

Karla Rona da Silva

Shirlei Moreira da Costa Faria

Jhonatan Gomes Vieira Frois

Sara Moura Martins

Elizabeth Cristina Pereira Morbeck

Sônia Maria Nunes Viana

**DOI 10.22533/at.ed.24619171021**

## Gestão e Inclusão

<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>231</b>
TRABALHO COLABORATIVO NO CONTEXTO DE UMA ESCOLA INCLUSIVA A ARTICULAÇÃO DO GESTOR	
Elizete Varusa Seneda	
Eladio Sebastián-Heredero	
DOI 10.22533/at.ed.24619171022	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>236</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>237</b>

## A EDUCAÇÃO DOS SURDOS

**Júlia Martins Bárbara Rodrigues**

juliambarbara@hotmail.com

**Cintia Resende Correa**

cintia.correa@uniube.br

**RESUMO:** A Educação dos surdos foi conquistada com muita luta, debates, defesas e discussões para viverem como cidadãos na sociedade e poderem usar a língua que é conveniente. Os surdos eram vistos como incapazes e discriminados, ao longo da história sofreram muito preconceito e foram excluídos da sociedade, eram motivos de vergonha para a própria família, foram feitos de escravos e até condenados à morte. A história da educação dos surdos no Brasil mudou em 1857, quando o professor francês com mestrado e surdo Eduard Huet fundou a primeira escola para surdos no Brasil, o Imperial Instituto de Surdos-Mudos (atualmente Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES). Nesta escola surgiu a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), mistura dos gestos usados pelos surdos brasileiros com a Língua Francesa. Um marco para a educação dos surdos foi a criação da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, reconhecendo LIBRAS como meio legal de comunicação e expressão, língua oficial da comunidade surda do Brasil. Com o surgimento da Língua Brasileira de Sinais possibilitou aos surdos uma forma de

comunicação e expressão para interagir na sociedade. A presente pesquisa tem o objetivo de apresentar os principais fatos históricos na educação dos surdos e suas conquistas, sustentando a defesa da língua de sinais para o desenvolvimento do sujeito e sua emancipação social.

**PALAVRAS-CHAVE:** História. Surdos. LIBRAS. Sociedade.

### 1 | INTRODUÇÃO

A história dos surdos foi pouco estudada e investigada, a maioria das histórias foram escritas por pessoas ouvintes, mas foram localizados documentos atuais escritos por surdos também.

É importante lembrarmos que estamos inseridos em um meio social que, infelizmente, marca o indivíduo em suas diferenças, assim, surgindo preconceitos, que muitas das vezes nos impedem de progredir e de realizar de fato uma mudança. A abordagem do preconceito linguístico é notória entre a maioria dos profissionais da educação, quando se trata da Língua Brasileira de Sinais, por não terem o conhecimento a cerca as peculiaridades da surdez e principalmente como os sujeitos surdos se comunicam, que muitas das vezes

não é apenas por esse preconceito linguístico, mas também por falta de interesse e incentivo de aprenderem e/ou se especializarem no assunto, assim esses profissionais criam estereótipos que prejudicam o desenvolvimento da criança ou jovem surdo em seu processo de aprendizagem, acarretando um atraso de linguagem e trazendo consequências emocionais, sociais e cognitivas com defasagem na escolarização (LACERDA - 2006). Faz-se necessário a construção de projetos educacionais que possam atender as necessidades dos alunos Surdos, permitindo o acesso, de direito, a uma educação de qualidade.

“No Brasil, como em muitos outros países, as experiências com educação bilíngue ainda se encontram restritas. Um dos motivos para este quadro é, sem dúvida, a resistência de muitos a considerar a língua de sinais como uma língua verdadeira ou aceitar a sua adequação ao trabalho com o surdo”

(LACERDA, 1996: 79 apud. Silva; NEMBRI, 2003:26).

A história dos surdos é um assunto que traz interesse aos acadêmicos da área de educação.

Essa pesquisa tem a finalidade de apresentar a história da educação e formas de inclusão social e comunicação produtiva, mostrar a necessidade de propagar e incluir a língua brasileira de sinais como ensino obrigatório nas escolas, para que todos os surdos tenham uma integração com os educadores, com os colegas da classe e toda a escola. Se todos os professores fizessem o curso de LIBRAS, sem a necessidade de um intérprete em sala de aula, a aprendizagem e a comunicação não seriam de forma mais natural? Assim não haveria necessidade de tantos programas de inclusão, pois os surdos não seriam tão “excluídos” se todos aprendessem a língua brasileira de sinais desde a educação infantil.

## **2 | A EDUCAÇÃO DOS SURDOS**

### **2.1 A história da educação dos surdos**

Desde a antiguidade a linguagem falada era considerada a única forma de linguagem possível, os surdos eram vistos como incapazes e discriminados.

Romanos achavam que os surdos eram pessoas enfeitiçadas ou castigadas, eram abandonados ou jogados no Rio Tiger - eram salvos os que conseguiam sobreviver ou os que os pais escondiam – e eram feitos de escravos. Ao longo da história, continuaram a sofrer preconceito, excluía os surdos da sociedade e eles não tinham o direito de receber herança, de casar e que após a morte eles não iriam para o Reino de Deus.

Para os Gregos o pensamento se dava mediante a fala, eles viam os surdos como animais, sem a audição não adquiriam conhecimento. Eram considerados inválidos e incomodavam a sociedade, por isso condenados à morte. Os sobreviventes eram

feitos de escravos ou abandonados.

Os surdos eram considerados criaturas privilegiadas na Pérsia e no Egito, acreditavam que eles eram enviados dos deuses e que comunicavam com eles em segredo. Os surdos tinham vida inativa e não eram educados, eram respeitados e protegidos.

Para Heródoto, os surdos eram seres castigados pelos deuses. Para Aristóteles, os surdos não possuíam pensamento e dizia que a audição é que contribuía para a inteligência e o conhecimento, achava um absurdo a intenção de ensinar o surdo a falar e que eram insensatos e incapazes de razão.

Na Idade Média, os surdos não tinham um tratamento digno e eram jogados em uma imensa fogueira, eram sujeitos estranhos e objeto de curiosidade da sociedade. Eram proibidos de receberem comunhão, pois eram incapazes de confessar seus pecados, só era permitido casar duas pessoas surdas quem recebia favor do Papa.

Em 1500, o médico Girolamo Cardano reconhecia a habilidade do surdo para a razão e dizia que a surdez e mudez não impedia o desenvolvimento da aprendizagem e que era um crime não serem instruídos.

A primeira escola para surdos foi estabelecida por Pedro Ponce de Leon (1510-1584), na Espanha, em um monastério de Valladolid, ele ensinava surdos filhos de nobres preocupados com a exclusão dos filhos na sociedade, inicialmente com dois irmãos surdos, Francisco e Pedro. Pedro se tornou padre com a permissão do Papa e Francisco conquistou o direito de receber a herança como marquês de Berlanger. Como metodologia era usada a datilologia (usando ambas as mãos e alguns sinais simples), escrita e oralização. Os surdos que conseguiam falar, nessa época, tinham direito à herança.

O primeiro alfabeto manual, em 1613, chamado Refugium Infirmorum, foi escrito por Fray de Melchor Yebra em Madrid. O primeiro livro sobre a educação dos surdos foi escrito por Juan Pablo Bonet em Madrid, em 1620, expunha o método oral, mas ele defendia o ensino precoce do alfabeto manual aos surdos. John Bulwer acreditava que a língua de sinais era universal e em 1644 publicou o livro Chirologia e Natural Language of the Hand, preconizava a leitura labial, língua de sinais e a utilização do alfabeto manual e em 1648 publicou Philocopus afirmando que a língua de sinais é capaz de expressar os mesmos conceitos que a língua oral.

O primeiro professor de surdos na França foi Jacob Rodrigues Pereire, em 1741, através de fala e exercícios auditivos oralizou a sua irmã. Em 1778 Samuel Heinicke fundou a primeira escola de oralismo puro, com 9 alunos surdos.

O abade Charles Michel de L'Épée (1712-1789) foi uma pessoa muito influente na educação dos surdos, através de duas irmãs gêmeas que se comunicavam por gestos e os surdos carentes e humildes que viviam nas ruas de Paris aprendeu o meio de comunicação e estudou a língua de sinais. Começou a instruir surdos em sua própria casa usando as combinações de gramática e língua de sinais. Todo o trabalho dependia da ajuda da sociedade e dos recursos financeiros das famílias dos surdos.

L'Épée fundou o Instituto para Jovens Surdos e Mudos de Paris, a primeira escola pública para surdos, treinou muitos professores e publicou “A verdadeira maneira de instruir os surdos-mudos” com regras e o alfabeto manual que foi inventado por Pablo Bonnet e essa obra foi completada pelo abade Roch-Ambroise Sicard. L'Épée fundou 21 escolas para surdos na França e na Europa.

O reverendo Thomas Hopkins Gallaudet, em 1814, nos Estados Unidos, observando umas crianças brincando, percebeu que uma menina era rejeitada das brincadeiras por ser surda. Ficou tocado por não ter uma escola para surdos nos Estados Unidos para que ela frequentasse, tentou ensinar pessoalmente junto com o pai da menina. Gallaudet foi para Europa e Inglaterra buscar métodos para ensinar os surdos, mas a metodologia era secreta e então foi para a França, onde ficou impressionado com a metodologia usada pelo abade Sicard e voltou levando o professor surdo Laurent Clerc. Gallaudet e Clerc fundaram a primeira escola de surdos dos Estados Unidos, em Hartford.

Em 1846, Alexander Melville Bell, pai do Alexander Graham Bell, professor de surdos e inventou o código de símbolos “Fala Visível”, um sistema que utilizava a língua, dentes, garganta, palato e o desenho dos lábios para que os surdos repetissem os movimentos e os sons indicados pelo professor.

A história da educação dos surdos no Brasil começou em 1855, Eduard Huet chegou a pedido de Dom Pedro II. O professor francês com mestrado e surdo fundou, em 1857, o Imperial Instituto de Surdos-Mudos, a primeira escola para surdos no Brasil, no Rio de Janeiro. Nesta escola surgiu a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), mistura dos gestos usados pelos surdos brasileiros com a Língua Francesa. O termo surdo-mudo é incorreto, por isso não se usa mais, mas a escola funciona até hoje com o nome de Instituto Nacional de Surdos – INES. O acesso a essa instituição por muito tempo foi restrito sendo uma escola somente para os meninos, pois as meninas eram obedientes às famílias e consideradas tranquilas.

Em 1864, Edward Miner Gallaudet realizou o sonho do seu pai, Thomas Hopkins Gallaudet, e fundou a primeira universidade nacional para surdos “Universidade Gallaudet” em Washington – Estados Unidos.

Após uma inspeção do governo, em 1868, o INES foi considerado um asilo de surdos. E em 1875, o ex aluno Flausino José da Gama publicou o primeiro dicionário da língua de sinais no Brasil, aos 18 anos.

Em 1880 a língua de sinais foi proibida no Congresso Internacional de Surdo-Mudez de Milão. O método oral foi votado o mais adequado para as escolas dos surdos, com o argumento que os surdos teriam preguiça de falar. Na educação dos surdos foi um impacto arrasador, por aproximadamente cem anos tiveram que abandonar sua cultura.

Em 1969 um padre americano publicou o livro Linguagem das Mãos contendo 1258 sinais fotografados.

A Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos

(FENEIDA) foi criada em 1977, composta por pessoas ouvintes. Foi criada uma Comissão de Luta pelos Direitos dos Surdos, em 1983, que lutava para serem ouvidos e poder participar das decisões da diretoria da FENEIDA. Após muita luta, em 16 de maio de 1987, a Comissão conquistou a presidência, houve uma reestruturação e a FENEIDA passou a se chamar FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos.

Em 2002 foi promulgada a lei 10.436 de 24 de abril, reconhecendo LIBRAS como meio legal de comunicação e expressão, língua oficial da comunidade surda do Brasil.

Dados do Censo Escolar de 2005 informou que no Brasil já existiam mais de cinco milhões de pessoas com problemas relacionados à surdez e mais de 66 mil alunos surdos matriculados na educação básica.

Em 2006, com o objetivo de formar professores em letras e libras, a Universidade Federal de Santa Catarina iniciou o primeiro curso de Licenciatura em Letras e LIBRAS, em parceria com mais nove instituições de ensino superior pública, inicialmente com 500 vagas, 50 por instituição.

Dados do Governo Federal informa que população de surdos é de mais de 9 milhões de pessoas em todo o país, em 2017.

## 2.2 A educação dos surdos

A educação dos surdos é um tema que merece muita atenção. Com a finalidade de mostrar um novo caminho para a educação dos surdos surgiu a escola inclusiva, para atender as especificidades dos surdos, considerando seus aspectos culturais. Quando não há métodos para adaptar a comunicação, a surdez passa a ser um problema com delimitação. A educação inclusiva foi vista como algo difícil e ameaçador pelos professores pela falta de estrutura e material de apoio.

A trajetória das pessoas surdas é marcada com muita exclusão, não eram considerados parte da sociedade por serem vistos como “anormais” pelo fato de serem diferentes. Independente do grau da deficiência ou se é surdo, a escola inclusiva tem o objetivo de oportunizar a todos o direito de serem inseridos numa sala de aula, todos tem o direito de frequentar uma escola, tendo em vista a participação e a inclusão de todos os alunos para que não haja isolamento.

É importante destacar os métodos utilizados no ensino e comunicação dos surdos. Com a proibição da Língua de Sinais em 1880, o primeiro método foi uma educação oralista, que apresenta resquícios de sua ideologia até hoje, fundamentada na “recuperação” da pessoa surda, surgiu na Alemanha durante o século XVIII. Esse método é baseado na concepção de que o surdo deveria aprender a falar a língua oficial do seu país e utilizar a leitura labial para se integrar a comunidade. O oralismo foi uma experiência nada atraente para o desenvolvimento da linguagem dos surdos, acreditava-se que o surdo deveria receber a língua falada de maneira natural, como uma criança ouvinte.

O segundo método foi a comunicação total, permitindo a linguagem de sinais com o objetivo de desenvolver a linguagem na criança, um recurso para o ensino da língua oral. O sistema artificial de ensino da linguagem não é adequado, não é um sistema completo de linguagem, os sinais podem ser distorcidos e a articulação de forma errada podem produzir sinais com outros significados. Esse método hoje é denominado de português sinalizado, utilizado por quem não sabe a LIBRAS.

O terceiro método é o bilinguismo, a Língua de Sinais sendo a língua materna dos surdos e como segunda língua, a língua oficial de seu país. A Lei nº 10.436/2002 estabelece LIBRAS como a língua oficial das pessoas surdas. A criança surda deve ter acesso o quanto antes para ser um dispositivo de forma natural. A Língua de Sinais propicia o desenvolvimento cognitivo, sociocultural, afetivo e acadêmico das crianças surdas, facilitando o processo de ensino aprendizagem e compreensão do mundo em que vive.

A língua de sinais é um traço identitário da comunidade surda, garantindo uma comunicação eficiente, significativa, natural e é um elemento mediador entre o surdo e o meio social onde vive. A língua de sinais cumpre todas as funções da língua natural e por meio dela os surdos demonstram toda sua capacidade de interpretação do mundo. A Língua Brasileira de Sinais configura um sistema linguístico de transmissão de fatos e ideias, inclui o uso de expressões faciais e corporais. Os sinais surgem da combinação de movimentos da mão e pontos de articulação, locais no próprio corpo ou no espaço onde os sinais são feitos.

Para que o estudante surdo seja inserido na escola comum deve ser educado em um ambiente bilíngue, de preferência com um professor surdo, ministrando aulas em sua língua. Depois, com um professor graduado na área, ele aprende a Língua Portuguesa. A escola deve estar preparada para a realidade do aluno e de sua família.

A escola que se propõe a tornar acessível para os surdos tem que ter a proposta do bilinguismo, considerando a Língua de Sinais como língua natural e parte desse pressuposto para a língua escrita. O currículo escolar deve incluir os conteúdos desenvolvidos nas escolas comuns, mesmo sendo uma especial para surdos, deve ser uma escola regular de ensino. A leitura e a escrita da língua português devem ser trabalhadas em sala de aula, mas os conteúdos devem ser trabalhados na LIBRAS e a língua portuguesa em momentos específicos.

Dentro das escolas inclusivas temos os intérpretes, pois faltam professores e a comunidade escolar preparados para o Bilinguismo. É muito complicado quando o professor não se comunica com seu aluno, pensar na educação de surdos sem o domínio da Língua de Sinais.

A escola inclusiva ainda está em processo de formação, o professor tem um papel importante assim como toda a comunidade escolar. A escola comum é reestruturada, propõe mudança no projeto pedagógico (currículo, metodologia de ensino, postura dos educadores e avaliação) com ações favorecendo a interação social.

Atendendo a meta da Lei de LIBRAS as escolas terão que ressignificar, as crianças surdas e ouvintes terão possibilidades reais de aprendizado no ensino de LIBRAS, formando gerações bilíngues futuramente.

### 3 | CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os surdos tinham a necessidade de se comunicar e a sociedade não gostava de fazer “gestos” como uma forma de comunicação e não aceitavam a Língua de Sinais. Com o fracasso da oralização os sinais sofreram processo de mudança e se tornou a língua oficial dos surdos no Brasil, foi regulamentada pela Lei nº 10.436 no dia 24 de abril de 2002. A criação dessa lei foi um marco na história dos surdos.

Reconhecer as diferenças linguísticas é essencial, pois dá a possibilidade de igualdade de condições de desenvolvimento entre as pessoas. A difusão da língua de sinais e de sua identidade cultural permite às pessoas surdas os meios de desenvolvimento de seu potencial. Ainda falta muito para uma real inclusão da comunidade surda, apesar dos avanços na educação, a cultura brasileira de aceitar as diferenças ainda não está preparada para realidade dos surdos e uma convivência harmônica.

Além de adaptações, a mudança principal precisa ser na concepção sobre o sujeito surdo, na igualdade, no processo de ensino e aprendizagem. A inclusão necessita de suporte aos professores e toda a escola. A escolarização precisa ser repensada, o uso da Língua de Sinais nem sempre garante o sucesso do aluno surdo, pois a base curricular é montada e executada por ouvintes e para ouvintes.

### REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Andrea Silva. MENEZES, Aureliana Maria de Carvalho. ARAÚJO, Aline Cássia Silva. **A Educação de Surdos: Formação de Professores na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)**. Disponível em: < <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/892/1261> >. Acesso em: 01 de junho de 2019

CARVALHO, Vanessa de Oliveira. **A História da Educação dos Surdos: O processo Educacional Inclusivo**. João Pessoa, 2015. Disponível em: <[http://www.uern.br/controladepaginas/edicao-atual-/arquivos/36782\\_final\\_\\_a\\_hista%E2%80%99Cria\\_de\\_educaa%E2%80%A1a%C6%92o\\_dos\\_surdos...vanessa\\_carvalho.pdf](http://www.uern.br/controladepaginas/edicao-atual-/arquivos/36782_final__a_hista%E2%80%99Cria_de_educaa%E2%80%A1a%C6%92o_dos_surdos...vanessa_carvalho.pdf)>. Acesso em: 30 de maio de 2019.

Colunista Portal – Educação. **História da Educação de Surdos**. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/historia-da-educacao-de-surdos/65157>>. Acesso em 08 de junho de 2019

CRUZ, Samara Rodrigues. **A História da Educação de Alunos com Surdez: Ampliação de Possibilidades?** Mato Grosso do Sul, 2015. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/3131/313146769010/index.html>>. Acesso em: 01 de junho de 2019

HOISEL, Taísa Fonseca Novaes. **Metodologias educacionais trabalhadas com as pessoas surdas**. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/metodologias-educacionais-trabalhadas-com-as-pessoas-surdas/10326>>. Acesso em: 09 de junho de 2019

2019

HUMAN. **O que eu preciso saber sobre a Educação dos surdos no Brasil?** Disponível em: <<https://blog.wearehuman.com.br/o-que-eu-preciso-saber-sobre-a-educacao-dos-surdos-no-brasil/>>. Acesso em: 08 de junho de 2019

LIMA, Camila Gois Silva de. **Educação de Surdos: Quais Abordagens foram as mais Relevantes Para o Século XXI?** Pernambuco. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/idiomas/educacao-de-surdos-quais-abordagens-foram-as-mais-relevantes-para-o-seculo-xxi/21284>>. Acesso em: 02 de junho de 2019

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2006.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de Surdos - A aquisição da linguagem.** Porto Alegre: Artmed, 1997.

SCHLÜNZEN, Elisa Tomoe Moriya. BENEDETTO, Laís dos Santos Di. SANTOS, Danielle Aparecida do Nascimento dos. **História das Pessoas Surdas: Da Exclusão à Política Educacional Brasileira Atual.** São Paulo, 2012. Disponível em: <[https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/47935/1/u1\\_d24\\_v21\\_t02.pdf](https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/47935/1/u1_d24_v21_t02.pdf)>. Acesso em 30 de maio de 2019

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**MICHÉLLE BARRETO JUSTUS** Mestre em educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) em 2015, especialista em Gestão Escolar pelo Instituto Tecnológico de Desenvolvimento Educacional (ITDE) em 2009, pedagoga graduada pela UEPG em 2002 e graduada em Psicologia pela Faculdade Sant’Anna (IESSA) em 2010. Autora do livro “Formação de Professores em Semanas Pedagógicas: A formação continuada entre duas lógicas”. Atua como pedagoga na rede estadual de ensino.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Altas habilidades 39, 69, 70, 71, 72, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 135, 136, 146, 151, 154, 155, 207

Autismo 1, 3, 14, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 40, 41

### B

Biblioteca inclusiva 61, 62, 63, 64, 66, 67, 113, 116

Biscuit 93, 94, 95, 97

### C

Crianças autistas 14, 16, 21, 24, 29, 31, 38

Cultura Popular 1, 4, 5, 7, 8, 12

### D

Deficiência visual 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 120, 121, 166, 175

Deficientes auditivos 61, 62

Democratização 143, 144

Desenvolvimento Infantil 1, 23

Design 163, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 174, 175, 209

Design Universal para a Aprendizagem 163, 164, 165, 166, 167

Dinâmica pedagógica 163

### E

Educação básica 12, 22, 26, 32, 47, 57, 127, 134, 137, 155, 174, 188, 215

Educação de Surdos 42, 44, 49, 53, 58, 59, 60, 129, 132, 176, 177, 179, 180, 182, 185, 187, 188, 199, 205, 206

Educação Especial 1, 12, 16, 19, 20, 21, 26, 30, 31, 33, 36, 41, 42, 44, 51, 52, 62, 74, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 90, 92, 93, 94, 109, 110, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 152, 155, 156, 162, 169, 174, 188, 200, 206, 217, 218, 221, 227, 228, 235

Educação Inclusiva 1, 4, 12, 13, 15, 18, 20, 21, 24, 32, 34, 35, 39, 40, 41, 43, 44, 51, 57, 62, 70, 75, 78, 80, 83, 90, 92, 94, 113, 124, 125, 126, 127, 131, 135, 136, 138, 143, 144, 145, 146, 148, 150, 152, 153, 154, 156, 161, 162, 163, 164, 168, 169, 171, 174, 175, 203, 205, 206, 207, 216, 217, 221, 222, 227, 228, 229, 231, 232, 235

Educação Infantil 21, 25, 51, 52, 54, 79, 106, 108, 124, 125, 126, 127, 129, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 141

Ensino 1, 4, 5, 11, 12, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 33, 34, 35,

36, 37, 38, 39, 40, 41, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 57, 58, 59, 75, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 87, 88, 89, 90, 91, 93, 94, 95, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 154, 155, 156, 157, 159, 161, 163, 164, 165, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 227, 228, 229, 231, 232, 234, 235, 236

Ensino alternativo 93

Ensino-Aprendizagem de Inglês como LE 176

Ensino de línguas 182, 187, 188, 190

Estratégias de Ensino 16, 151, 176, 178, 179, 187, 194

## H

Habilidades intelectuais 14, 16

História 5, 8, 9, 10, 11, 12, 28, 29, 53, 54, 56, 59, 60, 74, 82, 113, 114, 115, 124, 125, 126, 132, 146, 147, 161, 162, 178, 195, 196, 200, 201, 220, 222

## I

Inclusão escolar 12, 14, 16, 22, 32, 33, 39, 60, 70, 75, 123, 125, 126, 129, 131, 135, 136, 137, 141, 142, 144, 145, 151, 155, 157, 162, 189, 200, 201, 203, 218, 235

Inclusão social 54, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 118, 128, 153, 186, 198

## L

Letramento de surdos 190, 193

LIBRAS 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 64, 65, 66, 67, 119, 124, 125, 126, 129, 132, 183, 187, 188, 190, 192, 193, 217, 218

## M

Material Didático 95, 96, 97, 98, 102, 176, 185, 187

## N

Norbert Elias 42, 43, 45

## P

Prática docente 17, 32, 34, 35, 40, 78

Produção de materiais 93, 98

Professor especializado 14, 16, 21, 156

Psicologia Educacional 1

Psicólogo Escolar Educacional 69, 70

## R

Relato de Experiência 3, 11, 99, 134, 220, 222, 223, 225

## S

Sociedade 2, 5, 6, 12, 17, 19, 24, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 36, 39, 40, 41, 42, 45, 46, 53, 54, 55, 57, 59, 62, 63, 65, 68, 72, 74, 82, 83, 88, 94, 112, 113, 114, 118, 123, 124, 125, 126, 128, 131, 136, 144, 145, 146, 148, 149, 151, 156, 161, 162, 164, 171, 172, 187, 190, 192, 193, 198, 199, 207, 215, 221, 227, 228

Soroban 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110

Superdotação 69, 70, 71, 72, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 135, 136

Surdos 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 63, 64, 65, 67, 124, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 146, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218

## T

Trabalho Colaborativo 134, 136, 139, 231, 233, 234, 235

Tradutor Intérprete de Libras 42

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-724-6



9 788572 477246